

Resumos/ Zusammenfassungen

Francisco José Tenreiro: voz (d)e coração em África

Luciana Brandão Leal (Universidade Federal de Viçosa)

Apresentam-se leituras das antologias *Coração em África* (1982) e *Obra Poética* (1994), do poeta são-tomense Francisco José Tenreiro, considerado o “inventor” da Modernidade nas letras da sua pátria. Consideram-se, nessas leituras, os preceitos da Negritude e o modo inaugural como Francisco José Tenreiro apresenta e articula seus pressupostos no cenário da poesia são-tomense. Analisam-se os trânsitos literários desse escritor, cujos diálogos extrapolavam espaços territoriais, demonstrando-se atento às (r)evoluções e às vanguardas do século XX. Seu primeiro livro, *Ilha de Nome Santo*, publicado em 1942, é considerado um marco dos ideais da Negritude nas letras africanas escritas em língua portuguesa. Tendo falecido precocemente, deixou obras inéditas, que possibilitaram as edições de *Coração em África* (1982) e *Obra Poética* (1994).

Perspetivas contrastantes e imagens literárias das ilhas da linha vulcânica dos Camarões

Doris Wieser (Universidade de Coimbra)

Nesta comunicação tenciono sistematizar, num primeiro passo de teor teórico, o imaginário vulgar sobre ilhas, produzido por obras clássicas da literatura dita universal e por produções audiovisuais de ampla difusão dos nossos tempos. A maioria destas obras caracteriza-se pela perspetiva de quem chega a uma ilha e a descobre, e que, portanto, passa por uma mistura de fascínio e espanto, provocados pela beleza e os perigos de uma natureza desconhecida.

Num segundo passo, apresentarei brevemente algumas características das ilhas situadas no Golfo da Guiné, pertencentes à linha vulcânica dos Camarões, Bioko, Príncipe, São Tomé e Annobón, que fazem parte de dois contextos nacionais diferentes, por um lado, São Tomé e Príncipe e, por outro, Guiné-Equatorial, mas estão historicamente entrelaçadas.

Apresentarei, num terceiro passo, o retrato destas ilhas criado em dois romances, um são-tomense e o outro equato-guineense: *Os meninos judeus desterrados. De Portugal Para S. Tomé e Príncipe por ordem D'el-Rei D. João II em 1493* (2014), de Orlando Piedade, e *Cuando a Guinea se iba por mar* (2019), de Juan Tomás Ávila Laurel. Assim, tenciono questionar em que medida estas obras dialogam com a tradição das literaturas sobre ilhas e em que medida recusam e reescrevem estas imagens.

Há uma ilha em cada um de nós: uma leitura de *O País de Akendenguê*, de Conceição Lima

Joana Carvalho Silva (Universidade de Coimbra)

Tomando como ponto de partida obra poética de Conceição Lima, *O País de Akendenguê* (2011), cujo título homenageia o músico e poeta pan-africanista gabonês Peirre Claver Akendenguê, pretende analisar-se o modo como a autora “viaja” precisamente dentro do projeto do pan-africanismo. Nessa “viagem”, Conceição Lima transmite a sua vivência poética desde a adolescência até ao presente. Desde o sonho da libertação à utopia de uma grande nação pan-africana. Também ao referir nomes elementares da história política e cultural africana, a poetisa faz lembrar as raízes africanas comuns a todos os povos do continente. Para o justificar, utiliza como ponto de partida da viagem a ilha. Conceição Lima parte da ilha para, por fim, volta a regressar a ela. A ilha é sempre a essência que edifica o sentimento de pertença.

Apesar da diáspora, todos vivemos sempre na nossa ilha e as raízes serão sempre a nossa ilha. O pan-africanismo não significa que deixemos de ser ilhas até porque “A ilha que sou eu, antes de tudo, [...] apela ao arquipélago, aos arquipélagos, ao continente e aos continentes” (LIMA, 2011).

Esta reinvenção da pertença à ilha assenta num novo pensamento sobre a África, que não esquece o passado, marcado pela sombra do colonialismo, mas que deve ter os olhos postos no futuro, um futuro em que deve ser una e comprometida com as suas raízes.

A conclusão servirá para mostrar que no fundo somos todos apenas ilhas à deriva, o mundo é feito de ilhas, todas as ilhas formam arquipélagos, que formam continentes e todos os continentes são ilhas, ou partes de ilhas.

Die *ilha* zwischen Singularität und Kreolisierung. Sprachliche Innerlichkeit und Rückzugsbewegung im Werk der saotomensischen Dichterin Conceição Lima

Gesine Brede (Goethe Universität Frankfurt/Main)

Die Insel wird im Werk der saotomensischen Dichterin Conceição Lima nicht regelmäßig erwähnt und ist doch ständig präsent. Verglichen mit karibischen bzw. ‚antillanischen‘ Narrativen fällt jedoch auf, dass Limas Poetik einen deutlichen Fokus auf die Örtlichkeit der Insel setzt. Dadurch reproduziert sie intentional verschiedene Topoi der Insularität, schreibt diese jedoch in ein Projekt fortlaufender Dekolonialisierung ein, das sich durch ihr Werk zieht. Dementsprechend führen die Denkbewegungen, die ihre Sprachbilder beschreiben, zunächst in das Innere einer Insel, welches insbesondere im Frühwerk Limas (*O Útero da Casa* (2004), *A Dolorosa Raiz do Micondó* (2006; hier: 2010) mütterlich, originär und mit dem Haus konnotiert wird. Die darin angerissenen Wege einer möglichen Identifizierung mit São Tomé e Príncipe als Topos einer kreolischen Gegenstimme leiten zudem frequent in den Atlantik, dessen Tiefe, sprachlich explizit, frequent ausge,lot’et wird, sowie, in Limas neuesten Schriften, auch in die erdzeitgeschichtliche Tiefendimension der Insel, deren „arquitetura primordial“ sich der „incandescência das lavas“ verdanke ((*Re*)*Design (in) STP/São Tomé e Príncipe*, 2023: 123). Die geographische Einordnung des Inselstaats als Archipel wird dabei ignoriert. Vielmehr zitiert Lima singuläre historische Ereignisse oder individuelle Figuren des Widerstands in neorealistischer Manier an, deren Poetisierung die Gedichte zu Elementen einer auch oralen Gegenkultur werden lassen. Wie wichtig dieser Gestus ist, zeigt, dass Lima selbst im Theatersketch *Um Confronto Imaginado e uma Profecia (Um auto do século XX)* (2023) noch auf die binäre Struktur der Abhängigkeitsbeziehung von der portugiesischen Metropole rekurriert; diese bleibt als thematischer Horizont (cf. *Viajantes* (2010; hier 2021) erkennbar und wird zudem in der poetischen Betrachtung von Arbeitsbeziehungen und Sklavereigeschichte verarbeitet. Wie Falconi (in Ribeiro/Jorge 2011: 197) betont, liegt im sprachlichen Rekurs auf die Kreolsprachen der verschiedenen lusophonen Ex-Kolonien Afrikas wiederum der utopische Gehalt eines „novo país da palavra“ (195), das jene Sprachgebiete untereinander restrukturiert und damit archipelarisiert. Dies schließt an Metaphorisierungen der (Wieder)Geburt im Frühwerk sowie in *Quando Florirem Salambás no Tecto do Pico* (2010; hier 2021) an, die freilich im Zeichen femininen Schreibens und auch einem Weg in körperliche Innerlichkeit stehen.

Bemerkenswerter kreiert Limas singulärer Blick der *ilha* und ihre Poetisierung als *place* im Sinne Caseys diese allerdings ebenfalls als ein Laboratorium, dessen insulärer Charakter, wie Moser betont, diese auf das reduziert, was eine wissensbegierige *concupiscentia oculorum* (Ette 2001: 12) mit nur einem Blick erfassen können möchte.

A realidade linguística em São Tomé e Príncipe em revisão: Monolinguismo ou Plurilinguismo?

Benjamin Meisnitzer (Universidade de Lúpsia)

A presente comunicação pretende abordar a realidade linguística nas ilhas de São Tomé e Príncipe na encruzilhada entre dialetologia e sociolinguística. O português vernacular, bastante próximo da norma-padrão exógena do português europeu, é atualmente utilizado em contextos formais e informais, enquanto o uso das línguas crioulas se cinge ao domínio informal, o que leva Hagemeyer (2009: 24) a alertar para o perigo que correm as línguas nacionais (os diversos crioulos insulares), uma vez que “apenas uma verdadeira política linguística e vontade popular poderão contribuir para a manutenção destas [...]”. Com o português falado por 98,4% da população como L1 ou L2, em coexistência com as línguas crioulas Forro (Lungwa Santome), Angolar (Ngola) e Kabuverdiano, em S. Tomé, e o Principense (Lung’Ie) em Príncipe estamos, teoricamente diante de um mosaico linguístico diversificado, ameaçado, no entanto, pela crescente tendência para o monolinguismo dos mais jovens. Deste modo, embora fosse precipitado especular sobre a extinção dos crioulos em S. Tomé e Príncipe, é notória a falta de uma política linguística que fomente o uso das línguas nacionais – com a exceção do Príncipe. O caráter insular e o isolamento geográfico repercutem-se deste modo na realidade linguística dos crioulos falados no país.

Após apresentar a realidade linguística e sociolinguística em S. Tomé e Príncipe, pretendemos analisar a música Pop e Hip-Hop são-tomense, onde as línguas nacionais se revelam bastante produtivas, mesmo entre os artistas mais jovens, discutindo a música são-tomense como lugar de memória cultural, mas também como expressão artística na qua las línguas nacionais revelam uma enorme vitalidade. Ao mesmo tempo, muitas músicas espelham o plurilinguismo local, alternando entre o português e o Forro.

Pretendemos, deste modo, levar a cabo um levantamento da produtividade das línguas que coexistem em S. Tomé e Príncipe em diversos contextos comunicativos.

Espaço e metáfora em *Açores. O Segredo das Ilhas* de João de Melo

Barbara Fraticelli (Universidad Complutense de Madrid)

O escritor açoriano João de Melo, autor consagrado de romances, poemas, crónicas e contos, criou em 2000 um texto especialmente sugestivo sobre as nove ilhas que compõem o arquipélago atlântico. Trata-se de umas *narrativas de viagem* – como aparece no subtítulo - em que os Açores adquirem uma fisionomia que ultrapassa a mera geografia, para adentrar-se no território do zoomorfismo e do antroporfismo.

O espaço insular torna-se assim metáfora e símbolo, espaço sagrado para o homem que projeta sobre ele o seu interior, e refúgio para o viajante à procura de silêncio para reencontrar-se a si próprio.

Através de referências intertextuais e de reflexões metaliterárias, João de Melo constrói (ou renova) mitos antigos ligados a uma poderosa espiritualidade telúrica que pertence às paisagens (às vezes labirínticas) das ilhas.

Este volume representa uma (feliz) anomalia dentro do sub-género da literatura de viagens, sendo um discurso mixto em que paisagem, mito, símbolo, fantasia, homem e animal se fundem num conjunto literário em que se perdem os referentes históricos mais imediatos em prol de uma visão estética e poética de grande beleza.

Este trabalho visa classificar e analisar os principais mitos e símbolos deste conjunto de textos, para perceber o percurso interior do viajante e desentranhar os significados recônditos das ilhas numa pessoal geografia da solidão.

“Horizontes achados”: representações da insularidade na obra poética de Glória de Sant’anna

Maria do Carmo Cardoso Mendes (Universidade do Minho)

Glória de Sant’Anna (Lisboa, 26 de maio de 1925-Válega, 2 de junho de 2009), escritora portuguesa radicada em Moçambique, é autora de uma vasta obra poética, de crónicas (com destaque para a coletânea *Ao ritmo da memória* – 2002) e de contos. Do período vivido em Moçambique, entre 1951 e 1974, deixou-nos uma obra sobretudo poética onde a representação da situação colonial moçambicana equaciona problemáticas como a identidade, a imagem do Outro e a situação feminina. Toda a obra poética de Glória de Sant’anna problematiza ainda os múltiplos significados do imaginário marítimo. A ilha como heterotopia, a ilha do Ibo (à qual dedica grande parte das poesias líricas da coletânea *A Escuna Angra* – 1966-1968) e a Ilha de Moçambique constituem geografias que representam situações dramáticas da História dos moçambicanos.

No ano comemorativo do centenário do nascimento de Glória de Sant’anna, a comunicação tem como propósitos centrais: 1) Caracterizar a imagens da ilha como espaço heterotópico (evidente na composição lírica “Ilha Brava” – da coletânea *Distância* – 1951; 2. Analisar as representações poéticas de figuras humanas de ilhéus e a sua relação ambivalente com o mar; 3. Reconstruir as imagens poéticas da viagem realizada por 60 colonos portugueses que, sob o comando de Jerónimo Romero, fundaram na Ilha do Ibo uma colónia agrícola em 1857; Comentar a descrição da Ilha de Moçambique na poesia lírica homónima; 4. Estabelecer um diálogo intertextual com Rui Knopfli a propósito do fascínio que sobre ambos exerceu a Ilha de Moçambique; 5. Explicitar a cartografia de emoções de poesia de Glória de Sant’anna sobre o papel da mulher em contexto de insularidade geográfica e mental.

Terra Longe/Terra Mamaizinha. Islandness, migração e fronteiras de género em Cabo Verde e a sua representação cinematográfica

Laura Meltke (Universidade Técnica de Chemnitz)

As ilhas cabo-verdianas sempre estiveram ligadas a processos de intercâmbio global (cf. e.g. “Inselwelt“ segundo Ette 2011: 25, “Bewegungsraum“ segundo Ette 2014: 223). Historicamente, têm sido fortemente caracterizadas por migrações violentas, forçadas ou voluntárias, sendo que nas últimas décadas têm sido particularmente marcadas por movimentos de emigração (Batalha/Carling 2008; Connell, 2018). O esforço de mobilidade dos cabo-verdianos oscila sempre entre o desejo de atravessar o mar e desenvolver novas oportunidades num país distante, a *Terra Longe*, e a necessidade de permanecer na sua própria ilha, a conhecida *Terra Mamaizinha*. Quanto aos actores da emigração, é cada vez mais evidente uma mudança: nos últimos anos, são mais as mulheres que emigram do que os homens, como no passado o que levou a uma feminização da migração transnacional desde a década de 1970 (Giuffrè, 2021; Souza Lobo, 2008). Inverte-se, assim, uma dicotomia de fronteiras de género fortemente estabelecida anteriormente entre mar/terra e homem/ mulher, ou como escreveu o escritor cabo-verdiano Baltasar Lopes (ibid.: 128): “The sea is the destiny of men; the islands are the feelings, a feminine homeland, *Terra Mamaizinha*, the mountains in the interior, the deep *ribeiras*, are the breasts to hide in!” Esta transição de uma migração predominantemente masculina para uma forte migração feminina influenciou profundamente a comunidade cabo-verdiana e alterou a dinâmica social. Através desta forma específica de *agency*, por exemplo, as mulheres ganharam um novo poder económico independente dos homens. Esta inversão das fronteiras de género pode também ser observada na representação cinematográfica da mulher. Em vários filmes dos últimos anos, as figuras femininas têm experimentado uma nova visibilidade medial, como em NHA FALA (Gomes, 2002), VITALINA VARELA (Costa, 2019) ou na atual longa-metragem HANAMI (Fernandes, 2024). O objetivo da palestra é analisar as figuras femininas encenadas de forma cinematográfica no que diz respeito à sua orientação entre partir, ficar e regressar às ilhas e relacioná-las com as dinâmicas sociais atuais em Cabo Verde.

Inselarchiv. Eine transatlantische Spurensuche Emaille auf Stahlblech, Booklet 2021-2023

Laura Meltke (Universidade Técnica de Chemnitz)

In der Arbeit „Inselarchiv. Eine transatlantische Spurensuche“ setze ich mich mit Inseln des Atlantischen Ozeans auseinander. Mich interessiert dabei in besonderer Weise die An- und Eingebundenheit dieser insularen Räume in weltumspannende Prozesse. Ich habe dazu in einem interdisziplinären künstlerisch-kulturwissenschaftlichem Forschungsprozess ein Archiv angelegt, in welchem ich Informationen zu materiellen wie immateriellen Artefakten zusammengetragen habe, die auf den spezifischen Charakter einer jeden Insel, sowie auf das Archipel und die Beziehungen darüber hinaus verweisen. Das können beispielsweise Lieder oder Gedichte sein, die im kapverdischen Kreol verfasst sind und die Migrationsgeschichte des Archipels thematisieren oder religiöse Erzählungen der Santería aus Kuba, einer synkretistischen, afroamerikanischen Religion. Wesentliche Verbindungslinien ergeben sich bei all diesen atlantischen Inseln über ihre (post)koloniale Geschichten, die auch in der Arbeit eine klare Sichtbarkeit erfahren. Übertragen habe ich die gesammelten Artefakte in eine installative großflächige Emaillearbeit, die aus einem Ensemble einzelner aus Stahlblech gelaserter Inseln besteht. Emaille als Material erlaubte es mir, die Geschichten der einzelnen Inseln im wahrsten Sinne des Wortes zu „schichten“, also unterschiedliche (Bedeutungs)Ebenen aufzutragen. Mittels verschiedener Emailletechniken (wie Handschrift, Mischung von Industrie- und Schmuckemaille, Siebdruck) entsteht so ein dichtes Inselgefüge, welches sowohl durch seine formal-ästhetische Gestaltung, als auch durch inhaltliche Bezüge zusammengehalten wird. Die Arbeit besteht aus 30 einzelnen Inseln, die auf kleine Klötzen leicht über dem Boden schwebend im Raum präsentiert wird. Beigefügt ist der Arbeit ein Booklet, in welchem die Informationen zu den einzelnen Emaille-Inseln zusammengefasst, sowie durch Übersetzungen und einen Index ergänzt werden. Weiterführender Link zur Arbeit mit dem vollständigen

Booklet in digitaler Form: <https://laurameltke.com/>

A mudança da ilha, do povo e do império através da força da voz na *Biografia do Língua*

Daniel Graziadei (Freiburg im Breisgau)

A apresentação proposta analisa a criação poética da ilha, a sua *nissopoiesis* (Graziadei 2017) no romance *Biografia do Língua* (2019) de Mário Lúcio Sousa (*Tarrafal, 1964), como uma forma de crioulização decolonial altamente intertextual. A metodologia da análise não se limita aos espaços biogeográficos, mas também considera as posturas narrativas, os movimentos das pessoas e das ideias na sua negociação do isolamento local com a interconexão global.

A força de mudança radical que este romance oferece é situada entre campos literários do sul global, como estratégia de descolonização ficcional, metaficcional e mental. Consequentemente, as questões suscitadas por esta perspetiva não se esgotam no âmbito da ficção e da posição narrativa, estendendo-se ao nível intertextual, que estabelece ligações globais, nomeadamente com o Caribe pós-colonial e revolucionário (Cuba e a *Biografia de un cimarrón*) e a Arábia exotizada (as *Mil e uma noite*), através de uma tradução cultural (Italiano/Rössner 20) intelectual e narratologicamente impactante da escravidão e ao mesmo tempo cómica da potencia colonial.

Entre o Silêncio e o Grito: Mulheres Insulares em Dina Salústio (1994) e Ana Paula Tavares (2004) — Traumas, Memórias e Resistências nas Literatura Angolana e Cabo-verdiana

Peilin Yu (Universidade de Coimbra)

Na sua coletânea de crônicas *A Cabeça de Salomé*, publicada em 2004, Ana Paula Tavares remete-nos para cenários quotidianos, porém insólitos, das mulheres do sul de Angola, inscritos em minuciosas camadas socioculturais que compõem uma complexa realidade angolana. A historicidade desta realidade caracteriza-se por uma pluralidade elementar, revelando assim, na sua expressão peculiarmente poética, as cicatrizes corporais, psicológicas e sentimentais que marcam estas mulheres. Tais marcas são provocadas não só pelas guerras prolongadas, mas também pela opressão da tradição sexista. Carregando em silêncio esses traumas e contendo-os numa condição de absoluto isolamento, as mulheres na escrita de Ana Paula Tavares acabam por evidenciar espontaneamente as suas memórias, desejos e resistências através de vozes esporádicas, desamparadas e solitárias.

Esta insularidade da psique, da mentalidade e até do físico das mulheres africanas adquire, no entanto, outro tipo de expressão literária noutro contexto nacional e literário: são as mulheres de *Mornas Eram as Noites*, livro de contos publicado pela primeira vez em 1994 pela escritora cabo-verdiana Dina Salústio. Neste caso, as mulheres cabo-verdianas são confrontadas com uma realidade social diferente, baseada precisamente na insularidade do meio geográfico em que vivem, ou melhor, sobrevivem. O afastamento do resto do mundo, o enclausuramento em ilhas e o consequente sentimento de abandono e desamparo são temas recorrentes para as mulheres cabo-verdianas nestes contos. Muito diferente do que a escritora angolana retrata, o contexto em que elas se situam aqui relaciona-se menos com a deslocação e o conflito forçado pelo mundo exterior, e mais com o doméstico, o interior, a família e, inevitavelmente, a tradição opressiva de género. Neste estado de insularidade, as mulheres apelam à “oportunidade do grito” (Salústio, 1994, p. 9) e lançam-se da “escuridão” da opressão para a “escuridão” da resistência — de “Eu venho à Ilha quando me pressiona uma necessidade incontável de escuridão” (*Idem*, p. 22) a “deu-me as armas e fez-me assassina... depois ficou tudo escuro” (*Idem*, p. 27) — como se estivessem irremediavelmente presas na vastidão das noites mornas da ilha.



LUDWIG-
MAXIMILIANS-
UNIVERSITÄT
MÜNCHEN



Tendo em conta os aspetos acima referidos, o presente trabalho tem como objetivo analisar e comparar as expressões literárias das duas escritoras que, apesar de se relacionarem com contextos socioculturais e históricos diferentes, debruçam-se sobre situações insulares idênticas das mulheres africanas, especialmente no que concerne à sua dificuldade e isolamento em recuperar traumas, partilhar memórias e procurar resistir. Recorrendo às observações teóricas do pós-colonial e do feminismo decolonial, este estudo pretende também evidenciar a insularidade multidimensional da condição pós-independência e contemporânea das mulheres africanas.